

## LITERATURA E IMPRENSA

### Os suplementos literários - os anos 90

Isabel TRAVANCAS

Professora no Departamento de  
Comunicação Social da PUC-RJ.  
Jornalista, Mestre em Antropologia  
Social pelo Museu Nacional-UFRJ,  
Doutoranda em Literatura Comparada  
na UERJ.

#### RESUMO

*O artigo aborda os suplementos literários dos jornais brasileiros nos anos 90. Para isso, ele faz um breve histórico da imprensa no Brasil, e das relações desta com a literatura desde o 2º Reinado. Em seguida, trata das transformações sofridas pelos jornais com a virada do século e suas repercussões na linguagem jornalística, discutindo as distinções entre o texto jornalístico e o texto literário. A partir dessa "separação" entre jornalismo e literatura vão surgir os suplementos literários com as características particulares em cada época, sempre organizados em cadernos isolados do corpo dos jornais. Nos anos 90 eles têm uma feição específica; não são mais um espaço de literatura, nem de crítica literária, mas uma área de visualização do mercado editorial.*

*Palavras-chave: Imprensa. Literatura. Suplemento. Livros.*

#### ABSTRACT

*The article deals with literary supplents from Brazilian newspapers in this decade. Firstly, it presents a briefrelate of the history of the press in Brazil and of the relations between it and the literature since the Second Kingdom. Afterwards, it deals with the changes suffered by the newspapers with the turning of the century and its repercussions in the journalistic speech. It discusses the differences between the journalism and literature; from which arises the literary suppléments. These have had particular characteristics according to the period of time, but they have always been separated from the main part of the newspaper. In the 90's they acquire a specific feature. They are not anymore directed to the literature and not even to the literary critics. They are an area of visualization of the editorial market.*

*Key-words: Press. Literature. Supplements. Books.*

Literatura e Imprensa...

O primeiro jornal brasileiro, o **Correio Braziliense**, foi fundado em Londres, em 1 de junho de 1808, por Hipólito José da Costa. O objetivo do jornal, publicado em língua portuguesa, era vencer a censura prévia então vigente no Brasil, que também afetava a produção literária, tratando de temas políticos. O **Correio Braziliense** era produzido e vendido na Inglaterra e chegava ao Brasil clandestinamente. Seu formato era brochura, com cerca de 100 páginas: mensal, não era barato, e apresentava um tom muito mais doutrinário do que informativo.

A partir de 1820, com o fim da censura, o **Correio** passa a circular livremente e são criados outros jornais, como o **Diário do Rio de Janeiro**, o **Revêrbero Constitucional Fluminense** e a **Sentinela da Liberdade**, que em sua maioria tinham um tom panfletário e eram favoráveis à independência do Brasil. Segundo Nilson Lage, na primeira fase da imprensa brasileira “predominou um panfletarismo surpreendentemente virulento”, com muitos adjetivos, chegando até a incluir palavrões, sempre em tom agressivo e enfático.

É importante ressaltar que a imprensa naquele momento não era acessível para a maior parte da população, por ter um custo elevado e por haver apenas um pequeno segmento da sociedade alfabetizado, formado principalmente por homens, o que ajuda a entender o tipo de imprensa que se produzia naquele momento.

Um outro dado sobre o período colonial brasileiro é o acontecimento narrado por Nelson Werneck Sodré em sua **História da Imprensa no Brasil**. Em 1813, existiam apenas duas livrarias na Corte e, em 1821, passaram a nove. Isso demonstra um interesse crescente na produção editorial, ainda que não especificamente literária, e esclarece a existência de jornais como **Variedades**, de 1812, que tinha o objetivo de divulgar discursos, história antiga e moderna, trechos de autores clássicos e até anedotas. De acordo com Sodré, “suas características de jornal, assim, eram muito vagas. Foi um ensaio frustrado de periodismo de cultura.” Nesses primórdios da imprensa, sua feição ainda não se definia e ela estava a serviço de objetivos políticos, prioritariamente, e também culturais.

### **Imprensa literária**

No Segundo Reinado, inicia-se uma nova fase da história da imprensa brasileira, que deixava de ser essencialmente política e polêmica para tornar-se mais literária e mundana. São dessa época o **Jornal do Commercio** (1827), a **Gazeta de Notícias** (1874), o **Estado de S. Paulo** (1875), que contam em suas páginas com a presença de escritores como Machado de Assis, José de Alencar,

Raul Pompéia, José Veríssimo, entre outros. O **Jornal do Brasil**, apresentando as mesmas características, só nasceria em 1891.

Poder-se-ia afirmar que esse período é caracterizado como literário por três aspectos: pelo fato de publicar nas páginas dos diários da época romances e folhetins; por apresentarem os diários um estilo de escrita que ainda não possuía objetividade e concisão do jornalismo do século XX, e por estimularem e divulgarem os jornais a produção literária, brasileira ou não.

Marlyse Meyer, em seu ensaio **De Folhetins**, comenta o uso dos termos variedades ou folhetins nos jornais do começo do século. “Com o tempo, o apelativo abrangente passa a se diferenciar, alguns conteúdos se rotinizam, e o espaço do folhetim oferece abrigo semanal a cada espécie: é o *feuilleton dramatique* (crítica de teatro), *littéraire* (resenha de livros), *variétés*, e *coisi via*.”

Pina M. Coco, em sua tese de doutorado **O Triunfo do Bastardo** - uma leitura dos folhetins cariocas do século XIX, afirma que é nesse período que vão aparecer o jornalista e o escritor. O primeiro como um personagem novo, identificado com a modernidade, e o outro como uma mistura de jornalista e homem de letras, pela primeira vez assalariado em função da escrita.

Aliás, se pensarmos nas qualidades e características de Machado, poderemos apreender o quanto de jornalístico há em seu estilo. Alguns críticos ressaltam a urbanidade de sua obra, outros o seu realismo ou mesmo o seu ceticismo e distanciamento. Esses pontos estão bastante relacionados à prática do texto jornalístico, para não falarmos na concisão e simplicidade da escrita de Machado.

Barreto Filho, em sua obra sobre Machado de Assis, enfoca essa experiência jornalística na literatura do escritor brasileiro. “A assiduidade do cronista melhorava continuamente os recursos do escritor. Era um exercício continuado que enriquecia o seu vocabulário, aperfeiçoava a sua sintaxe e o trazia impregnado da vida popular. O contato com o *fait-divers* ia instilando um colorido e uma cintilação que perduram na obra amadurecida.” Seria como se o exercício jornalístico tivesse sido um importante aprendizado e forma de aprimoramento para o seu texto.

Para o jornalista Cláudio Abramo são freqüentes as sobreposições de carreiras, mas em geral acredita que a profissão de jornalista mata o escritor. Ainda que a produção de uma matéria exija um “certo tipo de criação literária”, as distâncias entre as duas atividades são muito grandes. “Enfim, temos escritores que foram jornalistas e jornalistas que são escritores. Nô trabalho cotidiano

Literatura e Imprensa...

de jornal é necessário descobrir o ritmo e o tom da matéria. Deve-se entender o texto e a situação que se está descrevendo e usar um pouco de criatividade literária.” Mas o que, na sua opinião, diferencia um escritor de um jornalista não é exatamente a forma do texto, mas uma certa “anima”. “Para ser escritor de um certo nível é preciso muita densidade e tempo interior.”

São grandes as transformações ocorrendo na sociedade brasileira no século XIX. O número de habitantes do Rio de Janeiro triplica, mas como consumidores de jornais, revistas e livros há apenas a elite aristocrata e a alta burguesia, pois os índices de analfabetismo ainda são elevados.

---

“O que diferencia um escritor de um jornalista não é exatamente a forma do texto, mas uma certa ‘anima’”.

---

Inicialmente, os periódicos publicam crônicas, resenhas, fragmentos de narrativas maiores, até começarem a publicar romances em capítulos. Estes últimos terão grande aceitação do público, que consumirá textos de autores que se tornarão celebridades, assim como de anônimos e desconhecidos. Esse espaço aberto para a ficção dentro dos jornais terá um papel importante, se

gundo um editorial do jornal da época, **O Brasil Ilustrado**, assinado por Francisco de Paula Menezes: “Quando o jornalismo parecia ter de uma vez se apossado da sociedade, assumindo a alta responsabilidade de sua marca, a literatura o fez intervir em seus interesses, fazendo-lhe confidência de suas esperanças e de suas idéias. (...) A despeito de quanto se possa dizer, fundada ou infundadamente, contra a influência do jornalismo, temos chegada a época de que o livro depende e quase se acha sob o domínio do jornal, que o anuncia, o comenta, o analisa, o julga e fá-lo viver ou o mata. É pelo jornal que o público chega o mais das vezes ao livro...”

É curioso como esse texto de Paula Menezes apresenta uma hierarquia clara entre o livro e o jornal, sendo o primeiro nitidamente superior, em qualidade e profundidade ao segundo. Entretanto, com o advento da imprensa, o livro corre o risco de perder o seu lugar e precisará dos jornais para continuar existindo.

Os primeiros folhetins publicados no Brasil foram traduzidos dos originais franceses e publicados no Jornal do Commercio a partir de 1830, que começou a circular pela primeira vez em 1827 e passou a ter um papel de importância no desenvolvimento cultural do país.

Marlyse Meyer destaca em seu trabalho a importância do Jornal do Commercio. “Temos então o folhetim, no Jornal do Commercio, quero dizer aquele

tal espaço vazio, o variedades do rodapé da página um, vai se abrir exclusivamente ao folhetim que é o romance, O Romance Folhetim, o tal dos Sue, Dumas et caterva, palpitantes e interrompidos lances cotidianos. Espaço consagrado por essa intenção espetacular e por isso mesmo rebatizado: chama-se doravante O Folhetim do Jornal do Commercio.”

São dessa época jornalistas-escretores ilustres como Olavo Bilac e Aluísio de Azevedo. Para Lage são esses “personagens” que caracterizam a imprensa daquele momento, já sofrendo modificações. Segundo ele, muitos se tornaram notáveis: “Euclides da Cunha, Lima Barreto, João do Rio (João Paulo Alberto Coelho Barreto). A Euclides deve-se uma cobertura antológica - da campanha de Canudos; a Lima Barreto uma participação crítica que refletiu, com certa angulação política, o fechamento autocrático da sociedade brasileira de seu tempo; a João do Rio, o desenvolvimento de um estilo de reportagem urbana na observação da realidade, coleta de informações e tratamento literário do texto.” A partir desta fase, os jornalistas começaram a se distinguir dos escritores, formando uma categoria própria.

### Mudanças

Com a virada do século, as páginas dos jornais não se destinam apenas à política e à literatura; abrem espaço para as entrevistas e reportagens. A imprensa descobre a publicidade e passa a ter uma perspectiva empresarial, até então inexistente. Passa-se da pequena à grande imprensa. Os pequenos jornais, com estruturas simples, dão lugar às empresas jornalísticas de maior porte, com uma estrutura específica e equipamento gráfico necessário para a realização de sua função. É o início da industrialização da imprensa, que se torna, a partir daí, uma empresa capitalista em sintonia com as transformações do país.

Para Alberto Dines, a era pós-Segunda Guerra Mundial é importante e trouxe inúmeras mudanças para o perfil da imprensa brasileira. “Nossos jornais, banhando-se na experiência da objetividade e dependendo diretamente do noticiário telegráfico, apreenderam um novo estilo, seco e forte, que já não tinha qualquer ponto de contato com o beletismo.” Aparecem nesse período grandes jornais como o **Correio da Manhã**; as empresas familiares tornam-se características nesse setor, o que mais tarde ocorrerá também com as editoras; forma-se o conglomerado dos **Diários Associados** e os jornais passam a ter sedes próprias com prédios monumentais que expressam o seu sucesso e a sua importância. Surgem jovens repórteres que irão marcar a história do jornalismo brasileiro, como Samuel Wainer, David Nasser, Carlos Lacerda e Joel Silveira. Para mui-

Literatura e Imprensa...

tos, é considerada a época áurea da imprensa escrita brasileira, na qual a notícia e sua linguagem são muito valorizadas e a eficiência e funcionalidade tornam-se metas nas empresas, assim como a objetividade, a clareza e a concisão constituem marcas obrigatórias do texto jornalístico.

O passo seguinte, dentro desse processo, foi a reforma do **Jornal do Brasil**, iniciada na década de 60 por Odilo Costa Filho e Jânio de Freitas, e que lhe revolucionou a feição, com a adoção de um novo processo de produção de notícias, aliado a uma apresentação gráfica de padronização elaborada pelo escultor Amílcar de Castro.

De lá para cá, os jornais continuaram se transformando, se modernizando mais e mais. Hoje, o Rio tem dois jornais de grande porte e três de médio. Todos utilizam em suas redações terminais de computador, dispensando os revisores; são preparados em um tempo mais curto e tornaram a notícia um produto para milhares de leitores. São poucos os jornais com suplementos literários no país, e a literatura e os livros, de um modo geral, têm um espaço reduzido nas páginas dos diários. Resta ainda um lugar dentro da editoria de cultura, que atende ao mercado editorial, com resenhas sobre o que se produz no Brasil, no setor ficção e não-ficção. Eventualmente, as obras merecem resenhas, na maioria das vezes escritas por um jornalista, sendo raríssimas as vezes em que o texto literário propriamente dito toma conta da página.

### Texto Jornalístico e Texto Literário

A questão do texto e da linguagem aponta para a necessidade de se fazer uma distinção teórica entre o texto jornalístico e o literário.

A essência da imprensa é a notícia. É ela o produto mais importante dentro de um jornal e é a forma de apresentá-la, redigi-la e elaborá-la que diferencia os veículos, na medida em que os fatos ocorridos em uma cidade ou país são os mesmos. O trabalho do jornalista se resume na busca da notícia e em sua redação e/ou produção.

Há, porém, diversas definições de notícia. Para Muniz Sodré, “notícia é todo fato social destacado em função de sua atualidade, interesse e comunicabilidade.”

Para Philippe Gaillard, as três palavras-chave de uma notícia são atualidade, significação e interesse. Não se avança muito em termos de definição, na medida em que os termos são complexos, não podendo ser rigidamente definidos.

Juntamente com o elemento fundamental de um jornal - a notícia - há outro aspecto importante: o estilo do texto. A escrita jornalística possui uma

linguagem própria, muito específica, com particularidades que a diferenciam do letreiro.

Mas mesmo essa é uma posição que pode ser questionada. Alceu Amoroso Lima, por exemplo, afirma que “o jornalismo é um gênero literário. Apresenta o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando põe ênfase no estilo, como meio de expressão, distinguindo-se, pois, dentro do próprio jornalismo, em sentido lato, de tudo o que vem no jornal, na sua forma escrita, ou no estúdio, em sua forma oral.”

Essa definição categórica precisa ser analisada de maneira mais completa e, para isso, é necessário saber o que o autor entende por literatura, gênero e jornalismo. Para ele, a literatura não se define apenas como produto artístico, sendo “um tipo de construção estética determinada por um conjunto de disposições interiores em que se distribuem as obras segundo as suas afinidades intrínsecas e extrínsecas.”

É exatamente por ter uma visão abrangente e flexível da literatura que Amoroso Lima acredita nessa relação tão íntima entre ela e o jornalismo. Uma das grandes diferenças entre as duas estaria no fato de que na literatura a palavra é um fim em si, enquanto que no jornalismo ela tem o valor de meio: “jornalismo não é literatura pura, sem dúvida, como é um poema, no qual a palavra vale apenas como palavra e não como transmissão de pensamento ou de uma mensagem.”

Essa declaração apresenta algumas questões, como a própria idéia de literatura “pura”. O que significaria a expressão? E o que seria literatura “impura”? Ao lado disso, note-se o fato de o autor destacar que a palavra, num poema vale apenas como palavra. Precisaria valer mais? E como separar a palavra de seus significado e mensagem?

No esquema de Amoroso Lima, o jornalismo é uma espécie de literatura em prosa e apreciação de acontecimentos. Esta apresenta como componentes específicos a informação, a atualidade, a linguagem objetiva e o estilo. O estilo se baseia em precisão, concisão, clareza e cultura, e é a partir da articulação desses elementos básicos que o jornalista tem liberdade de criar.

Curiosamente, Lage vai utilizar argumentos idênticos em relação às especificidades do texto jornalístico para enfatizar um ponto de vista contrário: “o jornalismo não é (...) um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a

---

“... na literatura a palavra é um fim em si, enquanto que no jornalismo ela tem o valor de meio...”

---

Literatura e Imprensa...

forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura.”

Uma das regras mais importantes em vigor na imprensa é o *lead*. Ele é o primeiro parágrafo de uma notícia, que deverá obrigatoriamente responder a pelo menos seis perguntas: o quê, quem, onde, como, quando e por quê. Claro que, quanto melhor o jornalista e mais criativo ele for, melhor saberá lidar com essa “camisa de força”, não se deixando cair em uma rotina de estilo ou mesmo em texto burocrático, sem atrativos para o leitor. Até porque um dos motivos que inspiraram a criação do *lead* foi apresentar rapidamente ao leitor os pontos-chave de um fato. E não narrar, no estilo tradicional, uma história, começando do início. Nos tempos modernos, o consumidor de jornal tem pressa e precisa ser informado ao máximo no menor tempo possível.

É Lago Burnett quem defende a existência e permanência do *lead* na imprensa. Para ele “a meta fundamental da notícia é a exatidão, daí a validade, sempre renovada, dos elementos do *lead*. (...) No *lead* há liberdade. É certo que toda a liberdade se autolimita, mas é certo também que o espaço contido entre cinco linhas de um texto é suficiente para abrigar o talento de quem o possui, sem a necessidade de revogar os fundamentos básicos da notícia.”

Mas se do lado do jornalismo há dificuldade em se definir o específico de sua linguagem, do lado da literatura as complicações não são menores. Terry Eagleton, por exemplo, afirma que “em grande parte daquilo que é classificado como literatura o valor verídico e a relevância prática do que é dito é considerado importante para o efeito geral. Contudo, mesmo em se considerando que o discurso ‘não pragmático’ é parte do que se entende por ‘literatura’, segue-se dessa ‘definição’ o fato de a literatura não poder ser, de fato, definida ‘obviamente’. A definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolver ler, e não da natureza daquilo que é lido.”

Tentando sair da armadilha de uma definição tão abrangente que englobaria todo tipo de texto, Eagleton ressalta, no entanto, que “se não é possível ver a literatura como uma categoria ‘objetiva’, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor; eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças (...). Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são histórica-

mente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros.”

Apesar da dificuldade em se definir literatura, é possível captar alguns pontos de distinção, não só a partir das condições sociais enfatizadas por Eagleton, mas também pelo fato de que esse texto está associado ao domínio da arte, podendo (ou não) proporcionar prazer estético em quem entra em contato com ele. Quanto aos limites da inovação na linguagem, reduzidos no texto jornalístico, na opinião já citada de Nilson Lage, pode-se dizer que eles se ampliam quando se trata de literatura. A possibilidade de inovação varia de acordo com o desejo de seu autor, assim como a subjetividade pressuposta nessa idéia de autoria definirá, em última instância, o estilo e o gênero de um autor.

### O papel do suplemento

O surgimento e a forma que o suplemento adquire em cada época estão extremamente relacionados com a própria história da imprensa.

Silviano Santiago diz que “a história da imprensa escrita na sociedade ocidental é a história de sua desliteraturização. Ou seja, isso a que se chama tradicionalmente de literatura vem perdendo no correr dos séculos e de maneira sistemática o seu lugar, poder e prestígio na imprensa diária (jornal matutino e vespertino) e na semanal (revistas).”

O próprio autor, porém, faz questão de relativizar essa afirmação, comentando que esse processo de afastamento entre literatura e imprensa não significa a rejeição ou abandono completo de uma pela outra, mas que os jornais tenderam, diante de interesses conflitantes entre os dois campos, para duas “soluções positivas”. A primeira dessas soluções é a criação de um lugar “para o escritor e para a literatura”: é o suplemento literário. “Vale a pena deter-se um minuto na lógica do ‘suplemento’. Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (...) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês: a notícia que transmite a ação

Literatura e Imprensa...

ocupa o burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer.”

O momento delineado por Santiago pode ser apresentado como uma vitrine editorial. Nele, a idéia de mercado, dos “mais vendidos”, é dominante. Porém, por outro lado, o critério de seleção parece ir além de um simples registro de vendas, na medida em que os livros resenhados não fazem parte desse espectro. A hipótese aqui é de que existem vários fatores que influenciam a escolha do livro e do autor que serão notícia.

A formação dos próprios jornalistas, no sentido de sua trajetória, do tipo de socialização que sofreram e de seus projetos de vida, será um ingrediente fundamental, e ajudará a entender as perspectivas que orientam a escolha de uma obra e a ênfase no aspecto da autoria. É nesse sentido que se retoma aqui a idéia de Gilberto Velho, de que experiências significativas possibilitam o surgimento de “fronteiras simbólicas” que irão por sua vez definir uma identidade. No caso do jornalista, a experiência de se tornar profissional e a vivência comum em redação criaram as condições para a configuração de uma identidade de grupo.

Outro aspecto importante na hora de “compor a vitrine” é a inserção e posição do jornalista em relação aos chamados *networks*. Esse conceito diz respeito à rede de relações estabelecida pelo indivíduo ou grupo analisado. Cada *network* define tanto os laços a que se está sujeito independente de escolha, como os de parentesco, como aqueles resultantes de liberdade e opção.

Assim, percebemos que entre os fatores que irão determinar as escolhas do que expor no suplemento estão a subjetividade do jornalista responsável pelo suplemento e a sua formação enquanto indivíduo, além do fato de que suas escolhas refletirão as redes de relações que o envolvem.

### Os Suplementos nos Anos 90

A **Folha de São Paulo** lança o **Folhetim** no formato tablóide para preencher uma lacuna tanto na parte literária quanto de ensaios. O **Folhetim** termina e dá lugar ao caderno **Letras**, que, no início dos anos 90, aumenta de tamanho e abrangência e se torna o caderno **Mais!** que abarca cultura, literatura e ciência. É um espaço de polêmica, de debate, em muitos aspectos tem uma postura de vanguarda, e apresenta também o lado de “vitrine editorial” com uma seção de lançamentos, diversas resenhas de livros novos, além de uma lista de “mais vendidos”.

O **Globo**, que, nos anos 50, ainda não era considerado um jornal de grande circulação e prestígio, não possuía um suplemento, apenas uma seção dominical intitulada “O Globo nas letras”, assinada pelo escritor Antônio Olinto. Somente em 1996, o jornal cria um verdadeiro caderno de livros, informativo, com em média seis páginas abordando lançamentos nacionais e estrangeiros, trazendo resenhas diversas, uma grande entrevista a cada número, anúncios de livros e editoras, além de uma lista de “mais vendidos” publicada com destaque. Não se trata mais de um suplemento literário no *stricto sensu* da palavra, na medida em que não há muito espaço para a crítica literária e as resenhas dos livros são redigidas muitas vezes por jornalistas. Em relação a esse caderno é possível se perceber a congruência com a filosofia do jornal. Veículo que não privilegiou o setor cultural, como marca de sua identidade, ao contrário, enfatizou sempre a informação.

É importante ressaltar que ainda que os suplementos se coloquem como “espelho” da produção editorial, eles são uma parte, um todo muito maior e muitas vezes ausente de suas páginas. Como é o caso da literatura infantil e dos livros de auto-ajuda. Livros que vendem muito têm um enorme público leitor, mas não chegam até às páginas dos suplementos.

O caderno **Idéias do Jornal do Brasil**, que este ano completa 10 anos de existência, tem um perfil particular. Inicialmente discutia temas polêmicos e sempre deu espaço para as expressões artísticas. Na década de 90, chegou mesmo a se dividir em dois, um dedicado exclusivamente aos ensaios e que acabou. Ou melhor, se juntaram novamente. Ele, hoje, se apresenta também como um caderno mais de livros do que de idéias com lista de lançamentos, resenhas, notas sobre mercado editorial, lista de mais vendidos e uma entrevista. De um modo geral, não privilegia o debate e/ou a polêmica. Hoje, ele possui uma coluna em que três intelectuais se revezam semanalmente opinando sobre o meio literário.

Ainda que de forma rápida o que se pode vislumbrar sobre o papel dos suplementos literários nos anos 90, é muito diferente de outros períodos. Eles não são mais um espaço de literatura, nem de crítica literária, mas um espaço de visualização do mercado editorial visto com base num prisma particular.

É interessante perceber também como está construída a subjetividade nesses cadernos, de que forma ela atua, se assumida ou não por parte de seus editores, e em que medida se pode fazer uma leitura desses cadernos como “mapas sociais” do meio literário e intelectual.

Os suplementos ainda hoje continuam sendo um instrumento de reconhecimento social e legitimidade intelectual. Não mais um território dos jovens escritores, mas local de expressão da intelectualidade.

Literatura e Imprensa...

Este ensaio é apenas um esboço de um trabalho maior sobre os suplementos literários de jornais franceses e brasileiros nos anos 90 que se encontra em fase de elaboração.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Cláudio. **A regra do Jogo**. SP: Cia. das Letras, 1989.
- ABREU, Alzira Alves. "Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50" in **A imprensa em transição**. RJ: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ALBERT, Pierre. **La Presse**. Paris: PUF, 1979.
- BARRETO FILHO, José. **Introdução a Machado de Assis**. RJ: Agir, 1980.
- BOSI, Alfredo et all. **Machado de Assis**. SP: Ática, 1982.
- BURNETT, LAGO. **A língua envergonhada**. RJ: Nova Fronteira, 1991.
- COCO, Pina M. Arnoldi. **O triunfo do bastardo**. RJ: PUC, 1990 (Tese de doutorado - mimeo.)
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. SP: Cia. das Letras, 1990.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**. SP: Summus Editorial, 1986.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura - uma introdução**. SP: Martins Fontes, s.d.
- GAILLARD, Philippe. **Technique du journalisme**. Paris: PUF., 1980.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Linguagem Jornalística**. SP: Ática, 1985.
- LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. SP: Edusp, 1990.
- MEYER, Marlyse. De Folhetins. RJ: CIEC, s.d., mimeo.
- SANTIAGO, Silviano. "Crítica literária e jornal na pós-modernidade." in **Revista de Estudos de Literatura**. Faculdade de Letras, UFMG, vol. 1, n 1, out. 1993.

Isabel TRAVANCAS

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnicas de redação**. RJ: Francisco Alves, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. SP: Martins Fontes, 1983.

TRAVANCAS, Isabel S. **O Mundo dos jornalistas**. SP: Summus Editorial, 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. RJ: Jorge Zahar, 1987.